

A AMIZADE EM FOCO: DIÁLOGOS E PRÁTICAS DE CUIDADO NAS VIVÊNCIAS DE MULHERES NÃO-HETEROSSEXUAIS NA PANDEMIA DE COVID-19

JULIA SCHWANZ ANDREAZZA¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS ²

¹ Universidade Federal de Pelotas – andreazza.julia@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como ponto de partida as discussões e análises desenvolvidas pelo grupo de pesquisa “*Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres*”. O projeto, fruto de uma parceria entre os cursos de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), teve início em 2020 com a coleta de dados e relatos de mais de cinco mil mulheres. Atualmente, o grupo segue ativo, promovendo encontros e aprofundando análises que dão visibilidade às experiências e desafios enfrentados pelas participantes da pesquisa, que são compartilhadas por tantas outras mulheres durante a pandemia no Brasil. Com um olhar atento às articulações entre dimensões psíquicas e sociais, atravessadas por marcadores como gênero, classe, raça e sexualidade, buscamos elaborar análises que contemplem essa complexidade, trazendo também à tona o caráter testemunhal que esses dados assumem hoje, no contexto do pós-pandemia.

Este estudo, como recorte de trabalhos mais amplos, fundamenta-se na mesma metodologia que orienta nossas demais produções: a de uma pesquisa situada e interseccional, tecida a partir da costura entre as narrativas das participantes e as formulações de teóricas feministas como AUDRE LORDE (2020), SILVIA FEDERICI (2019), BELL HOOKS (2021) e DONNA HARAWAY (2009). A partir das leituras e reverberações das narrativas e inspiradas por como LORDE (2020), escritora e ativista, faz da afetividade o foco de seu trabalho e instrumento de ação política escolhemos também focalizar os afetos entre mulheres. Em um de seus ensaios, a autora enfatiza a importância vital da união *entre* mulheres para a garantia da sobrevivência e a construção de outros mundos em que todas nós possamos florescer. A autora dirige-se especialmente às mulheres situadas às margens do ideal hegemônico, cujas vidas são atravessadas por marcadores como os de classe, raça e sexualidade.

Nessa perspectiva, o presente estudo direciona o olhar para vivências de mulheres não heterossexuais, focalizando a relevância que a amizade assume em suas narrativas e as reverberações suscitadas por esses vínculos em termos de saúde mental. Apontamos que esses vínculos emergem enquanto espaços privilegiados de narração e escuta de si e do outro, ou seja, de cuidado mútuo. As amizades entre mulheres, analisadas a partir das narrativas das participantes e em diálogo com teorias feministas e psicanalíticas, se mostram como alicerces centrais, nos quais entrelaçam-se a partilha de dores e de alegrias, a coletivização e o reconhecimento, o cuidado e a experimentação de si.

2. METODOLOGIA

A pesquisa “*Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres*” surgiu com a finalidade de investigar as reverberações psíquicas e sociais da pandemia na vida das mulheres brasileiras, fornecendo também um espaço – mesmo que virtual – de valorização e elaboração de suas narrativas. Para isso, foi desenvolvido um questionário online – método possível em meio ao isolamento social – composto por perguntas objetivas e dissertativas, cujos questionamentos abarcam tanto aspectos subjetivos como dados objetivos e

A pesquisa conta com apoio financeiro da Fundação Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

sociodemográficos. O instrumento foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFPel (CAAE: 31203220.3.0000.5317) e divulgado entre maio e junho de 2020, período no qual foram coletadas 5.867 respostas.

Desde então, nos encontros do grupo de pesquisa, promovemos discussões a partir da leitura de teóricas feministas, antirracistas e da teoria queer, articulando esses referenciais às análises dos dados e às narrativas da pesquisa, organizadas em recortes temáticos escolhidos pelas próprias integrantes. O objetivo de trabalhar por recortes é promover reflexões aprofundadas e não universalizantes, que respeitem e considerem a subjetividade tanto das respondentes quanto das pesquisadoras – elemento fundamental para a prática de uma pesquisa situada. Além disso, essa abordagem possibilita que trabalhem os dados com um olhar interseccional, atento as encruzilhadas de raça, classe, gênero e sexualidade, de forma a realizar uma análise que considere as interconexões presentes entre as matrizes de opressão (COLLINS; BINGE, 2021).

O recorte aqui abordado, centrado nas narrativas de mulheres não-heterossexuais – lésbicas bissexuais e outras – conta com as respostas de 677 mulheres (11,5% da amostra total) cuja leitura se deu à luz do método psicanalítico. Nessa perspectiva, a pesquisa se configura como um processo de transformação recíproca – entre pesquisadora, aquilo que se pesquisa, e corpo teórico – que traz à tona as dimensões criativas e inventivas do ato de pesquisar (FIGUEIREDO, MINERBO; 2006). A criação inerente a esse processo não implica perda de rigor científico, mas a construção de caminhos de acesso ao tema investigado, sob o paradigma da singularidade (DOCKHORN; MACEDO, 2015). Nesse sentido, na pesquisa com o método psicanalítico não se buscam verdades absolutas ou generalizações, mas interpretações parciais e provisórias, comprometidas com a complexidade e multiplicidade do tema pesquisado.

A análise em si é guiada pela perspectiva dos saberes localizados (HARAWAY, 1995; 2009) e pelas epistemologias feministas do posicionamento (DORLIN, 2021); Essa abordagem reconhece a afirmação do lugar do qual se pesquisa e a parcialidade daquilo que se afirma como condições fundamentais para a produção de um conhecimento comprometido, em oposição à pretensa neutralidade científica universalizante. Dito isso, a escolha dos temas de cada recorte se deu alinhada a esses pressupostos, em uma perspectiva corporificada, que leva em consideração não só as singularidades daquilo que se pesquisa como também as posicionalidades das pesquisadoras, postura que confere rigor e potência à pesquisa (FAVERO, 2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

GONÇALVES (2009), em seus estudos acerca dos modos de vida das mulheres contemporâneas, analisa a amizade enquanto tema que, apesar de historicamente relevante as teorias feministas, é pouco explorado atualmente. A partir dessa discussão, a autora aponta como a amizade é um vínculo complexo, que assume significados múltiplos, permeados por dimensões afetivas e políticas, singulares e coletivas. Dentre esses, destacam-se em suas pesquisas os cuidados mútuos, a cumplicidade, as alegrias, a partilha e a transgressão. (GONÇALVES, 2009)

Nas narrativas das participantes desse recorte, um dos aspectos mais recorrentes foi justamente a importância atribuída às partilhas nas conversas entre amigas. Para elas, a amizade aparece como um espaço privilegiado de narração e compartilhamento de experiências e afetos no período pandêmico, isto é, espaço de cuidado. Nas palavras delas:

A pesquisa conta com apoio financeiro da Fundação Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

*“Tenho conseguido parar, ler e pintar. Isso tem trazido grande bem-estar, além da **proximidade de outras amigas, mulheres, compartilhando experiências e dialogando**” (Participante 3462).*

Leitura, música, escrita, conversas com as pessoas que amo e os meus animais de estimação...

***As conversas com minhas amigas me ajudam a lembrar do quanto a vida pode ser boa [...]** (Participante 221)*

***Conversar com amigas e familiares, por vídeo ou telefone, me ajuda a manter o eixo,** perceber que tenho uma rede de apoio caso necessário, e poder ofertar esse apoio também ajuda a me sentir útil [...]* (Participante 2235)

Em *Mulheres e caça às bruxas*, FEDERICI (2019) analisa o processo de ressignificação depreciativa do termo *gossip* — que originalmente remetia à amizade e proximidade entre mulheres, e, ao longo do tempo, foi transformado em sinônimo de difamação e ridicularização (“fofoca”). Essa mudança semântica não ocorreu ao acaso, mas fez parte de um projeto mais amplo de consolidação da família nuclear e do sistema capitalista nascente. Nesse movimento, ao enfraquecer as amizades entre mulheres, reduziu-se também seu poder e autonomia pessoal e coletiva.

Nas narrativas analisadas, porém, observamos que o inverso também ocorre: os vínculos de amigas se mostram potentes, fortalecendo e sustentando as mulheres em suas experiências em um período de crise. Nesse sentido, relatos como esses desafiam a centralidade da família nuclear e dos relacionamentos românticos, socialmente considerados como os únicos – ou ao menos principais – espaços legítimos de afeto e apoio.

É interessante perceber como as trocas e diálogos entre amigas emergem como ferramentas e caminhos para a elaboração das experiências, ao lado de práticas promotoras de bem-estar e conhecimento de si, como a leitura e a escuta de música. Nesse sentido, a amizade entre mulheres aparece como terreno para a elaboração, a construção e reapropriação de si, especialmente importante em meio à crise sanitária e social desencadeada pela pandemia de COVID-19.

As conversas entre mulheres – frequentemente estigmatizadas, como no caso das *gossips* – emergem, ainda assim, como um dos poucos espaços onde elas podem falar, escutar e compartilhar dores, alegrias e revoltas de forma coletiva. Ecoando HOOKS, “raramente, se é que isso acontece, nós nos curamos em isolamento. A cura é um ato de comunhão” (2021, p.215). A partilha, a escuta, o diálogo, e o narrar a si mesma – elementos fundamentais ao cuidado em saúde mental e ao processo psicoterapêutico – estão presentes, de modos singulares, nos vínculos de amizade, o que é bastante significativo em termos de sua relevância na saúde psíquica das mulheres.

Ainda, essa dinâmica de escuta e cuidado possibilita a construção de narrativas que permitem a elaboração de sentidos e significados para o período vivido. Por meio dessas interações, os diálogos se tornam práticas de cuidado, que permitem não só a valorização de experiências individuais, mas também sua ressignificação e integração ao coletivo, ao contexto social e político, e a narrativas mais amplas. Segundo DORLIN (2021) a coletivização de experiências transforma histórias pessoais em catalisadoras para mudança social. Alinhadas à autora, apontamos para o enorme potencial dos vínculos de amizade entre mulheres enquanto afetos promotores de fortalecimento individual e político.

Por fim, nosso olhar as narrativas revela que, ao contrário do que é sustentado pelo imaginário social – moldado por normas cisheteronormativas e misóginas –, as amizades entre mulheres não são vínculos frágeis ou superficiais. Pelo contrário, constituem laços potentes que desafiam e rompem com o binarismo entre quem cuida e quem é cuidado, deslocando o cuidado da lógica familista que historicamente atribui às mulheres a responsabilidade

desproporcional de cuidar dos outros, muitas vezes sem receber o mesmo cuidado em retorno (BIROLI, 2015). Nas amizades, o cuidado deixa de ser uma obrigação imposta e passa a ser uma escolha compartilhada.

4. CONCLUSÕES

A partir dessa perspectiva, a amizade deixa de ser vista como uma relação secundária ou complementar e passa a ocupar um lugar central, território de cuidado, invenção de si, resistência e florescimento coletivo. É essa visão que fundamenta meu Trabalho de Conclusão de Curso, ainda em desenvolvimento, no qual exploro as amizades entre mulheres como vínculos de relevância social e psíquica. A proposta do TCC surgiu a partir da minha inquietação perante a carência teórica com a qual me deparei ao buscar aportes que dessem conta desses vínculos para a análise das narrativas que compõem a presente pesquisa. Teorizar sobre a amizade, portanto, é também criar espaço – teórico e subjetivo – para acolher e visibilizar formas de vinculação que o conhecimento hegemônico costuma ignorar.

FEDERICI (2019) nos recorda como, em muitas partes do mundo, as mulheres são reconhecidas como tecelãs da memória – aquelas que mantêm vivas as vozes do passado e as histórias das comunidades. Sob essa perspectiva os relatos de amizade, cuidado e afeto das participantes adquirem um caráter testemunhal, construindo a memória do período pandêmico, tão marcado por falsas histórias e esquecimentos. Além disso, são vivências que nos ajudam a pensar o contexto atual e as dificuldades ainda enfrentadas por mulheres.

Em uma sociedade onde nossas vozes ainda são frequentemente silenciadas, escutar a nós mesmas e compartilhar o cuidado entre nós adquire caráter revolucionário. Retomar essas práticas e narrativas, neste e em outros estudos é, portanto, um gesto político de ressignificação e de valorização das formas de sociabilidade feminina e amplia as possibilidades de afeto, amor, e pertencimento para além do modelo heteronormativo de amor e de família.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. 1 ed. 252 p.
- COLLINS P.H; BILGE S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo; 2021.
- DOCKHORN, C.; MACEDO, M. Estratégia Clínico-Interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, p. 529-535, 2015.
- DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista**. Tradução de J. Pinheiro Dias e R. Machado. São Paulo: Abu Editora, 2021.
- FAVERO, S. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2020.
- FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 158 p.
- FIGUEIREDO, L.C. ; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006.
- GONÇALVES, E. Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a "solidão" das "solteiras" na contemporaneidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, p. 189-216, 2009.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.
- HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. Editora Elefante, 2021
- LORDE, A. **Irmã Outsider: Ensaio e Conferências**. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.